

MULHERES DE QUILOMBO: LIDERANÇAS FEMININAS E RESISTÊNCIA QUILOMBOLA NO ESTADO DO CEARÁ¹

Maria Raila De Souza²

Jacqueline da Silva Costa³

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender a trajetória de mulheres quilombolas como lideranças nos quilombos do Ceará. Em meio a conflitos e experiências de racismo, pretendo observar como articulam estratégias de resistências no seu cotidiano, a preservação cultural em seus territórios e por fim qual a importância dessas mulheres na construção e fortalecimento da identidade quilombola. O estudo analisa o protagonismo das mulheres quilombolas como líderes culturais, políticas e educacionais, e propõe estratégias de geração de renda e valorização cultural a partir de saberes tradicionais como a produção da boneca Abayomi, outros tipos de artesanatos e práticas culturais desenvolvidas por elas. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi qualitativa, uma entrevista mediada, com duas líderes quilombolas, sendo uma do quilombo Lagoa dos Crioulos em Salitre, a outra do quilombo Sitio Veiga em Quixadá, utilizamos um roteiro/guia (Anexo I), para mediar um diálogo construtivo com essas mulheres, afim de compreender como suas trajetórias de lutas se entrelaçam, como a educação escolar quilombola vem contribuindo para o processo formativo de liderança e de construção da identidade quilombola, visibilizando os papéis que elas desempenham como líderes, artesãs e mestras da cultura dentro de suas comunidades, promovendo o empoderamento feminino e o reconhecimento de suas contribuições histórica e contemporânea. O trabalho propõe ações concretas para fortalecimento da identidade quilombola e autonomia territorial. Ao integrar teoria, pesquisa de campo e proposta de ação, essa pesquisa busca contribuir para o reconhecimento das mulheres quilombolas como agentes de transformação social, cultural e política.

Palavras-chave: Quilombos; Unilab; Lideranças femininas; Trajetórias; Educação

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Sociologia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Sociologia.

² Estudante do Curso de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro brasileira (UNILAB). Email: railasouza.240@gmail.com

³ Professora Adjunta III do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB-Ceará). Professora Permanente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH). Coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão Lélia Gonzalez, Presente! Líder do Grupo de Pesquisa “Lélia Gonzalez, Presente”. Email: jacquelinecosta.sol@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Sou Maria Raila de Souza, mulher quilombola, branca, filha de Denize e Sebastião, neta de Antônio Manoel da Silva e Expedita Isabel da Conceição, a qual pertence minha ancestralidade. Moro no quilombo Lagoa dos Crioulos localizado no Município de Salitre, Região do Cariri, extremo sul do Estado do Ceará. Ingressei na Unilab via Edital Específico em 2018, me matriculei iretamente na terminalidade no curso de Licenciatura Sociologia, sendo a primeira ingressante quilombola no curso, pelo edital específico.

O que me impulsionou a fazer essa pesquisa foi perceber a falta de visibilidade e consequentemente de valorização das nossas líderes quilombolas, por compreender a potencia cultural, social e política que essas mulheres desempenham, se faz necessário construir uma proposta de projeto social voltada a essas comunidades que são lideradas por essas mulheres, afim de articular estratégias de resistência e preservação cultural, pra assim visibilizar o impacto dessas lideranças na construção e fortalecimento da identidade na cultura quilombola.

As comunidades quilombolas no Brasil são espaços de resistência histórica e cultural, onde se consolidam práticas de autonomia, memória ancestral e luta por direitos. No interior do estado do Ceará, essas comunidades enfrentam desafios complexos, entre os quais se destacam os conflitos territoriais, a negação de direitos básicos e a invisibilização de suas culturas. Em meio a esse contexto, destaca-se a atuação das mulheres quilombolas como líderes, educadoras, guardiãs da tradição e articuladoras políticas. O ponto de partida desta análise foram as Mulheres de Quilombo, lideranças femininas do movimento quilombola no Estado do Ceará e suas atuações. Mulheres líderes em diferentes quilombos cearenses como em Lagoa dos Crioulos localizado no município de Salitre, e no quilombo Sítio Veiga localizado na serra de Quixadá. Inspiradas por figuras históricas como Dandara dos Palmares e contemporâneas como Mãe Bernadete, essas mulheres desenvolvem práticas de resistência que articulam cultura, fé, pedagogia ancestral e organização comunitária. Elas constroem caminhos de luta, ao mesmo tempo em que educam as novas gerações com base em saberes ancestrais. Lideranças como Dona Expedita, do quilombo Lagoa dos Crioulos, que resgata a tradição das bonecas Abayomi e a transmite às crianças da comunidade, são exemplos vivos de como a resistência cultural pode ser uma prática pedagógica e política. Essas mulheres, ao reconfigurarem as práticas culturais em seus territórios, tornam-se protagonistas na construção de modelos de educação popular e de fortalecimento da identidade quilombola.

A educação escolar quilombola, surge nesse sentido, como uma ferramenta de insurgência, que integra saberes ancestrais às metodologias de ensino e cria espaços de pertencimento, autoestima e valorização das raízes culturais. A proposta deste trabalho emerge dessa realidade, com o intuito de fortalecer as lideranças femininas, promover geração de renda e preservar os patrimônios materiais e imateriais da cultura quilombola desses locais.

A partir das práticas culturais dessas mulheres como a confecção das bonecas Abayomi, a dança de São Gonçalo, a realização de oficinas culturais e formações políticas, e da criação de redes de apoio intergeracional, pretende-se desenvolver um projeto social que visa criar condições para a valorização do trabalho dessas mulheres e para o empoderamento econômico e social das comunidades. Ao adotar uma perspectiva interseccional, fundamentada em autoras como bell hooks (1981), Ana Paula dos Santos (2023), Givânia Silva (2017) e Lélia Gonzalez (1983), este artigo busca compreender como gênero, raça e território se articulam para formar sujeitos políticos capazes de resistir, reexistir e transformar suas realidades. Trata-se de um trabalho que entrelaça teoria e prática, pesquisa e ação, propondo uma resposta concreta aos desafios enfrentados pelas mulheres quilombolas no semiárido nordestino. No contexto das comunidades quilombolas do Ceará, as lideranças femininas desempenham um papel crucial na resistência cultural e na luta por direitos. Essas mulheres emergem não apenas como defensoras de seus territórios e tradições, mas também como símbolos de uma luta mais ampla contra as opressões de gênero, raça e classe. Nos últimos anos, mulheres de quilombos como Dona Expedita da Lagoa dos Crioulos e Meire do Sítio Veiga, têm se destacado em um cenário onde as desigualdades são acentuadas e a preservação da cultura é constantemente ameaçada. Inspirando-se em figuras históricas essas líderes atuam em diferentes frentes, educação, artesanato, dança e preservação territorial, na busca por autonomia e pela valorização da identidade quilombola.

Os conflitos territoriais nos quilombos do Ceará são uma questão complexa, envolvendo disputas históricas por terras, direitos e reconhecimento. As mulheres quilombolas, em sua maioria, estão na linha de frente dessas lutas, enfrentando não apenas as dificuldades inerentes à reivindicação de seus direitos territoriais, mas também as barreiras adicionais impostas pelas desigualdades de gênero. Há lideranças femininas em 35 dos 87 quilombos cearenses, é um indicativo importante da resistência e da capacidade organizativa dessas mulheres, que apesar das adversidades, mantêm viva a luta por seus territórios e pela preservação de suas culturas.

Apesar de ser um número significativo, não chega a ser nem metade, os quilombos liderados

por mulheres no Ceará, isso evidencia a predominância da hegemonia masculina mesmo em grupos historicamente fragilizados. Essas mulheres constantemente enfrentam uma série de fragilidades e violações que incluem desde ameaças diretas à sua integridade física até a marginalização em espaços de poder e decisão, a violência contra essas líderes é uma manifestação extrema de um sistema opressivo que combina racismo, sexismo e desigualdades socioeconômicas.

À exemplo dessas violências, é evidente no caso de Mãe Bernadete do Quilombo Pitanga dos Palmares. Maria Bernadete Pacífico, foi uma ialorixá, ativista e líder quilombola brasileira, era coordenadora da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos e líder do Quilombo Pitanga, em Simões Filho. Cujo assassinato em 2023 chocou o Brasil e destacou a vulnerabilidade dessas líderes. Mãe Bernadete Pacífico, uma liderança carismática e respeitada do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, foi brutalmente assassinada em agosto de 2023, seu assassinato foi uma represália clara contra sua atuação em defesa dos direitos territoriais e culturais de sua comunidade, isso ilustra as extremas consequências que as líderes quilombolas podem enfrentar, expondo a confluência de violências de gênero, raça e território, a morte de Mãe Bernadete não apenas revelou a brutalidade enfrentada por essas líderes, mas também estimulou movimentos de direitos humanos e organizações quilombolas a intensificarem suas lutas por justiça e proteção. A tragédia do assassinato de Mãe Bernadete serve como um doloroso lembrete da importância de proteger e apoiar essas líderes, cuja luta é fundamental para a justiça social e a preservação da cultura quilombola.



Figura 1: Foto: *Walisson Braga/Conaq*

Ana Maria Eugênio da Silva, em seus estudos sobre as dinâmicas de gênero e raça, fornece uma compreensão crítica das complexidades enfrentadas pelas mulheres negras em contextos de vulnerabilidade social e política. Sua obra ilumina como as desigualdades raciais e de gênero são entrelaçadas, moldando as experiências das mulheres quilombolas. bell hooks por sua vez vem contribuir com uma perspectiva essencial sobre como múltiplas formas de opressão que se sobrepõem e interagem, sua análise da interseccionalidade de raça, gênero e classe é fundamental para entender as experiências das líderes quilombolas, que frequentemente enfrentam múltiplas camadas de discriminação e violações, hooks argumenta que as opressões não podem ser compreendidas isoladamente, mas devem ser analisadas em conjunto, para revelar as dinâmicas complexas que perpetuam a injustiça. A pesquisa proposta se justifica pela urgente necessidade de compreender, valorizar e ampliar a visibilidade das mulheres quilombolas como líderes comunitárias e agentes de transformação social e política.

Embora as mulheres desempenhem um papel fundamental na preservação das tradições e da cultura quilombola, muitas vezes suas contribuições permanecem invisíveis, sendo minimizadas nas narrativas acadêmicas e sociais sobre os quilombos.

Historicamente, as mulheres quilombolas foram marginalizadas nas esferas de poder e representação, tanto nas sociedades coloniais quanto nas contemporâneas. Contudo, essas mulheres têm se firmado como guardiãs de saberes ancestrais, defensoras do território e líderes políticas, desempenhando um papel crucial no processo organizacional de suas comunidades, enfrentando as diversas formas de opressão estrutural, seja de gênero, racial ou territorial.

Essa pesquisa também se fundamenta na necessidade de compreender e valorizar o papel essencial dessas lideranças femininas, não só como guardiãs de tradições, mas como agentes de transformação social e política dentro e fora de suas comunidades. A análise aprofundada das estratégias de organização e resistência das mulheres quilombolas pode servir de exemplo e inspiração para outras lutas por equidade e justiça social, e é essencial para enriquecer o debate acadêmico sobre movimentos sociais e lideranças de base comunitária no Brasil.

A justificativa desta pesquisa se dá pela importância de reconhecer e registrar as experiências dessas lideranças femininas como agentes de transformação social, em um cenário onde apenas 40,23% dos quilombos reconhecidos no Ceará têm mulheres em posições de

liderança formal, é urgente fomentar políticas de valorização, visibilidade e apoio a essas lideranças, essa pesquisa representa uma iniciativa concreta nesse sentido, dialogando com a universidade, com os quilombos e com o marco das políticas públicas.

Temos como objetivos principais e específicos: Examinar o papel das mulheres quilombolas desses dois quilombos do Ceará como líderes comunitárias e defensoras de direitos, destacando suas contribuições para a organização social e política; Analisar as dinâmicas de poder e resistência que moldam o movimento quilombola liderado por mulheres, considerando as especificidades locais; Compreender como as ações dessas lideranças contribuem para a preservação da identidade cultural e para a autonomia das comunidades quilombolas. Para isso analisaremos o papel dessas mulheres como líderes que, a partir de sua ação cotidiana, resistem às tentativas de apagamento da identidade quilombola e promovem a transformação política e social de suas comunidades. A pesquisa abordará como as mulheres quilombolas Ceará, a partir de suas práticas culturais, educacionais e políticas, têm se tornado figuras centrais no fortalecimento da identidade cultural e da autonomia territorial.

Em particular, serão investigadas as dinâmicas de poder e resistência presentes nas comunidades quilombolas, observando como as lideranças femininas contribuem para a organização social e política, e como suas ações interagem com as políticas públicas de reconhecimento territorial e inclusão social. Além disso, essa pesquisa busca compreender como essas mulheres, muitas vezes em contextos adversos, fortalecem suas identidades no entrecruzamento das dimensões de raça, gênero e território, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equânime. O estudo das mulheres de quilombo é uma oportunidade única de ampliar a compreensão sobre as estruturas de poder dentro dessas comunidades e como elas podem servir de modelo para outras formas de resistência e organização no Brasil. Diante desse contexto, a questão central que guia esta pesquisa é, como as lideranças femininas quilombolas no Ceará contribuem para a resistência cultural, a luta por direitos e o fortalecimento de suas comunidades? Ao explorar essa questão, pretendemos desvendar o impacto das ações dessas mulheres em seus territórios e a relevância de suas vozes na promoção de mudanças que visam reduzir as desigualdades sociais e preservar a cultura e identidade quilombola.

A problemática a ser trabalhada envolve a investigação das adversidades enfrentadas por essas mulheres em um contexto de múltiplas opressões raciais, de gênero e sociais, e de ameaças constantes à preservação de suas tradições. A luta dessas líderes reflete uma resistência histórica e

cotidiana contra estruturas de poder excludentes, configurando-se como um espaço de insurgência que busca reverter desigualdades estruturais e garantir direitos fundamentais.

A metodologia a ser utilizada neste estudo é qualitativa, adotando-se uma abordagem etnográfica e interdisciplinar, que permitirá captar as vozes e experiências das lideranças femininas quilombolas de forma profunda e contextualizada. Foram realizadas entrevistas com lideranças de duas comunidades quilombolas no Ceará, localizadas em diferentes geografias do estado. Essa abordagem busca captar a complexidade das práticas de resistência, valorizando a perspectiva das próprias mulheres quilombolas sobre sua organização social e seus desafios diários. O uso de aportes teóricos complementarará a coleta de dados, permitindo a compreensão das transformações históricas e das ações políticas que marcam a trajetória dessas lideranças.

No Brasil, a atuação de quilombolas como Dandara dos Palmares e outras mulheres nacionalmente conhecidas dentro do movimento, demonstra a continuidade de uma luta histórica. Essas líderes representam uma força de resistência essencial para suas comunidades, atuando em diversas frentes e inspirando gerações.

No Ceará, as mulheres de quilombo têm se destacado como líderes e defensoras de seus territórios, enfrentando desafios constantes, como a discriminação de gênero, o acesso à terra e a serviços básicos, além das questões específicas enfrentadas por cada quilombo. Elas têm organizado ações para fortalecer suas comunidades, promover a autonomia econômica e garantir a preservação de suas tradições culturais. Além disso, têm buscado parcerias com organizações da sociedade civil e órgãos governamentais para apoiar suas demandas e ampliar seu impacto na luta pelos direitos históricos e sociais.

A articulação política e social dessas lideranças se baseia na organização comunitária, onde lideram associações, promovendo reuniões, assembleias e atividades que visam fortalecer a coesão social e discutir questões relevantes como políticas públicas e demandas da comunidade. Essas mulheres frequentemente atuam como porta-vozes de suas comunidades em fóruns políticos e sociais, participando de reuniões, audiências públicas, conferências e outras instâncias onde possam fazer ouvir as pautas das comunidades. Também mobilizam seu povo para resistir a ameaças externas, como despejos, conflitos territoriais, exploração de recursos naturais e violações de direitos humanos, além de promoverem a conscientização sobre questões como saúde, educação, gênero e meio ambiente.

A partir disso as mulheres de quilombo estão investindo na capacitação e no

empoderamento de outras mulheres dentro de suas comunidades, promovendo a educação, o desenvolvimento de habilidades e a participação ativa em processos de tomada de decisão. Essas estratégias contribuem para fortalecer a voz e a influência dessas mulheres como líderes políticas, possibilitando uma maior articulação e mobilização em prol dos direitos e interesses de suas comunidades. O movimento liderado pelas mulheres quilombolas no Ceará e em outras regiões serve como inspiração para as gerações mais jovens de mulheres dentro dessas comunidades. As líderes mais experientes, reconhecidas como mestras da cultura, compartilham seus saberes, experiências e práticas com as gerações mais jovens, oferecendo orientação e apoio para que elas possam se tornar protagonistas em suas próprias jornadas. A colaboração entre essas mulheres de diferentes idades dentro dos quilombos promove o engajamento intergeracional, criando espaços para o diálogo, a troca de ideias e a construção de estratégias coletivas de enfrentamento.

No Ceará, as comunidades quilombolas não só preservam suas tradições, como também atuam de maneira ativa na luta por direitos e reconhecimento. Nesse contexto, as mulheres emergem como figuras centrais, exercendo papéis de liderança, configurando-se como verdadeiras insurgentes na promoção e manutenção da cultura quilombola. Elas são reconhecidas como líderes políticas, sociais e culturais, articulam movimentos de resistência e promovem o desenvolvimento comunitário. Como artesãs e mestras da cultura, essas mulheres mantêm vivas as tradições ancestrais, através da produção de artesanato, da dança, da culinária, da música e de outras manifestações culturais. Suas atuações contribuem significativamente para a economia local e para a valorização da cultura quilombola. Essas insurgências se manifestam na forma de ações coletivas e individuais, que visam a transformação das condições de vida e a superação das desigualdades. As mulheres quilombolas não apenas resistem às opressões históricas, mas também criam novas formas de organização e luta, desafiando as estruturas de poder estabelecidas e promovendo a autonomia e o fortalecimento de suas comunidades.

Lélia Gonzalez (1983), intelectual negra brasileira, contribui para esse debate ao afirmar que as categorias de análise precisam ser construídas a partir da vivência das mulheres negras. Para Gonzalez, o racismo e o sexismo operam de forma interdependente, e é fundamental considerar os saberes de matriz africana como formas de resistência epistemológica. Esse pensamento reforça a importância de construir projetos sociais e educacionais baseados nos conhecimentos e práticas das próprias comunidades quilombolas. Dessa forma, as referências trazidas a seguir neste trabalho buscam romper com paradigmas eurocêntricos e valorizar as contribuições de escritoras e mulheres

negras enquanto produtoras de conhecimento e transformadoras de suas realidades. A partir dessa base, o próximo tópico irá detalhar a metodologia adotada para articular a pesquisa acadêmica e a proposta de intervenção social.

1. MULHERES DE QUILOMBOS E AS INSURGÊNCIAS DE LIDERANÇAS FEMININAS

Para compreender a atuação dessas mulheres quilombolas como líderes comunitárias, é necessário adotar uma abordagem teórica que leve em conta as múltiplas formas de opressão que as atravessam, bem como os saberes e práticas que constituem suas estratégias de resistência.

Neste trabalho, utilizamos como base autores e autoras que discutem interseccionalidade, educação quilombola, território e cultura afro-brasileira, com destaque para bell hooks, Ana Paula dos Santos, Givânia Silva, Ana Maria Eugênio da Silva e Lélia Gonzalez, e a partir disso foi criado um roteiro/guia (Anexo I) para mediar um diálogo construtivo com essas mulheres, a fim de compreender suas vivências e trajetórias em comunidade.

Presentes na serra e sertão, essas mulheres assumem o protagonismo em comunidades que ainda buscam por direitos básicos, em um processo de autoafirmação, resistem à tentativa de apagamento de suas narrativas ancestrais, levantando a voz para contar “a história que a história não conta”⁴. Apesar de estarem localizadas em áreas distintas, essas duas mulheres têm suas trajetórias atravessadas por uma luta comum, mulheres que mesmo diante de inúmeros desafios e obstáculos, são reconhecidas como figuras de referência em suas comunidades, e que trabalham incansavelmente para promover e assegurar os direitos que, historicamente, foram negados ao seu povo.

No Ceará, muitas outras mulheres têm assumido papéis de liderança em seus quilombos. O estado conta com pelo menos 35 quilombos liderados por mulheres, dos quais 20 são oficialmente reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares.⁵ No entanto, a presença feminina vai além das posições de presidência, quando se analisa a composição das diretorias e outras funções estratégicas dentro dessas comunidades, a influência e a participação das mulheres se tornam ainda mais evidentes e impactantes, essas líderes não apenas atuam como guardiãs e promotoras da cultura

⁴ <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/forca-ancestral-dos-87-quilombos-cearenses-35-sao-liderados-por>

⁵ Dado divulgado na mesma matéria do link acima.

quilombola, mas também como defensoras dos direitos sociais, políticos e econômicos de suas comunidades. Elas se dedicam a fomentar a identidade cultural, a resistência e a autonomia de suas comunidades, enfrentando desafios que vão desde a discriminação racial e de gênero até a luta por acesso a recursos e políticas públicas, cada uma dessas mulheres carrega consigo uma história de resistência, tornando-se inspiração para outras mulheres e meninas dentro e fora das comunidades quilombolas.

Bell hooks (1981), em sua obra 'Ain't I a Woman: Black Women and Feminism', introduz uma análise importante sobre como raça, gênero e classe operam conjuntamente para oprimir mulheres negras. Segundo hooks, a condição da mulher negra é historicamente marcada pela marginalização e pela negação de sua humanidade, sendo essencial que as análises feministas considerem as particularidades das experiências das mulheres negras. Esta perspectiva é fundamental para compreender a realidade das lideranças quilombolas, que enfrentam tanto o racismo estrutural quanto o machismo institucional e comunitário.

As mulheres de quilombo são fundamentais para a compreensão do processo social brasileiro, especialmente considerando a posição que as mulheres ainda ocupam na sociedade e sua luta pela igualdade de direitos. A relação dessas mulheres com o território é um exemplo significativo para entender como emergem esses papéis de lideranças. Busca-se discutir a importância da identidade territorial para essas mulheres, reunindo diversas abordagens para criar um panorama inicial sobre as dinâmicas nos territórios quilombolas e como isso influencia as insurgências de lideranças femininas. Isso será feito através da perspectiva, visão e relações que as mulheres quilombolas mantêm com seus territórios. Considerando as dinâmicas atuais desses quilombos e, especialmente, os papéis e os impactos dessas líderes, artesãs e mestras da cultura na sociedade local, para compreendermos como essas mulheres lidam com os diversos conflitos existentes nos territórios e ainda influenciam e incentivam uma construção da identidade quilombola nos jovens.

Ana Paula dos Santos (2023), ao propor o conceito de 'afroaquilombamento', contribui para a construção de uma pedagogia comprometida com os saberes afro-brasileiros e com a valorização da ancestralidade. Segundo a autora, a educação escolar quilombola deve romper com os modelos coloniais de ensino e incorporar a oralidade, a circularidade e os saberes tradicionais como formas legítimas de conhecimento. Essa proposta está presente na prática de lideranças como Dona Expedita, que transforma a confecção da boneca Abayomi em uma ferramenta pedagógica e cultural e Meire do quilombo Sítio Veiga, em sua fala nos traz que, “As comunidades quilombolas

enfrentam desafios múltiplos, em grande parte relacionados à luta pelo território e à preservação das práticas culturais. O território, para as mulheres quilombolas, não é apenas um espaço físico, mas também um símbolo de resistência, um elo entre as gerações passadas e futuras e um local onde se forjam práticas de autonomia e resistência”.

A urbanização e a pressão de grandes empresas, muitas vezes impulsionados por políticas públicas que desconsideram nossas particularidades, colocam em risco a continuidade da vida comunitária e as nossas tradições culturais, como é o caso da luta pela titularidade de terras enfrentada pelo Quilombo de Caetanos, liderado por Cristina, em Caucaia.

Ana Maria Eugênio da Silva (2019, 2021) e Duarte et al. (2020) reforçam a importância da análise das dinâmicas de poder e resistência dentro das comunidades quilombolas, evidenciando o papel das mulheres como articuladoras políticas e culturais. Seus estudos demonstram como essas mulheres constroem formas coletivas de resistência por meio da dança, da fé, e do artesanato, como é o caso da Dança de São Gonçalo no Sítio Veiga, liderada por Meire, e da confecção das bonecas Abayomi produzidas por dona Expedita, no Quilombo Lagoa dos Crioulos.

As mulheres de quilombos, ao liderarem a defesa de seus territórios, se tornam não apenas defensoras ambientais, mas também agentes políticas no combate à injustiça social e à insegurança fundiária. Essa luta é permeada pela tentativa de minimizar as relações de poder que marginalizam as comunidades quilombolas, em especial as mulheres. É um exemplo de resistência ao processo desumano que perpassa a história oficial do país, a defesa do território quilombola, como é exemplificado na atuação dessas mulheres, é uma forma de resistir à homogeneização cultural e ao apagamento das memórias de luta e resistência dos quilombos. Essas práticas de resistência territorial estão intimamente ligadas à preservação de uma identidade quilombola, que inclui a organização comunitária, o respeito aos saberes tradicionais e a transmissão de conhecimento para as novas gerações.

Dona Expedita é uma artesã estimada na comunidade Lagoa dos Crioulos, localizada na Região do Cariri, lá ela cria as tradicionais bonecas Abayomi, símbolo de resistência e ancestralidade. Ela resgatou e preservou essa tradição ao introduzir a prática da confecção da Abayomi dentro de sua comunidade. Ela ensina às crianças e jovens do quilombo a arte de fazer a boneca, promovendo a continuidade de saberes tradicionais e reforçando a importância da ancestralidade. O trabalho de Dona Expedita com as Abayomis é uma ferramenta pedagógica que valoriza a cultura afro-brasileira e mantém viva a herança ancestral quilombo.

“Quando faço cada boneca, eu penso na minha mãe e na vó, fazendo pra nós” (...) “elas representa nossa história e nossa luta. As bonecas não são só brinquedo, são símbolo da história de nosso lugar.” (Dona Expedita)

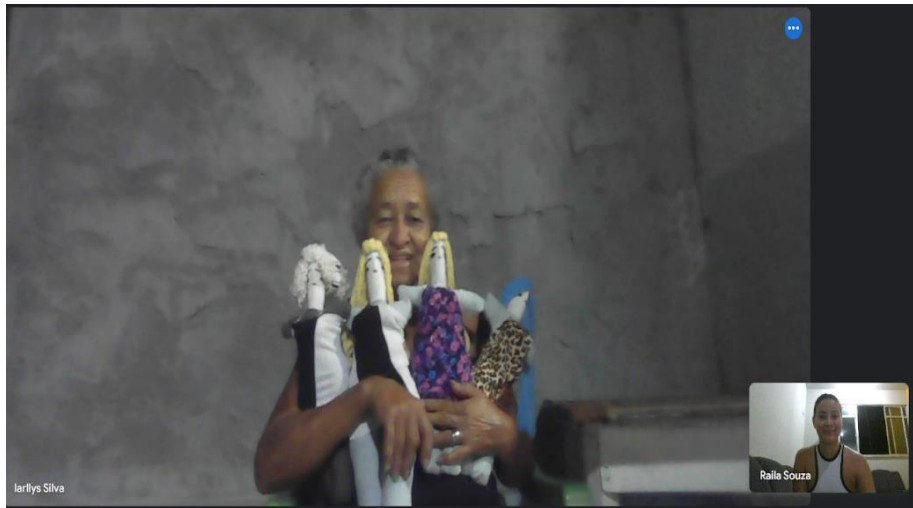


Figura 2: Foto: Arquivo pessoal

A confecção da boneca Abayomi por Dona Expedita é uma atividade que vai além do aspecto artesanal, é um instrumento pedagógico e cultural, pois ensina às crianças e jovens sobre a história e luta do seu povo, a prática promove reflexões sobre identidade, autoestima e pertencimento, ajudando os mais jovens a reconhecerem e valorizarem sua herança cultural. Assim, as Abayomis de Dona Expedita são mais do que bonecas: elas são um elo entre gerações, transmitindo ensinamentos e memórias que fortalecem suas identidades.

Nesse contexto, a experiência de Dona Expedita, artesã do quilombo Lagoa dos Crioulos, no Cariri, torna-se exemplar para compreender como a pedagogia quilombola se constitui no entrelaçamento entre cultura, afeto e resistência histórica.

O gesto de Dona Expedita de confeccionar as bonecas Abayomi e ensinar essa prática a crianças e jovens localiza-se no cerne daquilo que autores como Costa Neto e Caldas (2025) identificam como uma pedagogia antirracista e culturalmente situada. Para esses autores, as oficinas de Abayomis constituem estratégias educativas capazes de fortalecer a identidade quilombola, ampliar a representatividade e promover reflexão crítica sobre o racismo estrutural. Quando Dona Expedita afirma que, ao fazer cada boneca, pensa na “mãe e na vó”, ela não apenas executa uma técnica artesanal: ela reinscreve no presente as memórias femininas da linhagem negra

que sustentam sua existência e sua comunidade. A boneca, nesse sentido, torna-se mediadora de uma memória afroafetiva, conceito trabalhado por Quintiliano (2023), para quem as Abayomis ativam laços de pertencimento e constituem instrumentos de resistência subjetiva e política. Quando Dona Expedita introduz a confecção das Abayomis no cotidiano do quilombo, ela cria um ambiente em que o aprendizado emerge do encontro entre gerações, integrando o que a literatura chama de afeto como método educativo. Fonseca (2024), ao investigar práticas afro-brasileiras na educação infantil, propõe que o afeto produzido nas experiências de matriz africana gera um campo de força pedagógica capaz de romper com práticas coloniais de ensino. Ao trazer a memória das mães e avós para o ato de ensinar, Dona Expedita atualiza essa dimensão afetiva que atravessa a pedagogia de quilombo: ensinar é também cuidar, lembrar e fortalecer.

Nesse sentido, a prática de Dona Expedita aproxima-se da “pedagogia do afeto e do acolhimento” descrita por De Paula (2023) em estudos sobre coletivos quilombolas. Para a autora, experiências educativas ancoradas no afeto criam círculos de pertencimento fundamentais para a subjetivação positiva de crianças negras. A oficina das Abayomis, conduzida por Dona Expedita, opera como um desses círculos: nela, o fazer com as mãos se articula com o fazer da memória, e o espaço da oficina se converte em território de cuidado, narrativa e fortalecimento identitário. As crianças, ao aprenderem a fazer as bonecas, aprendem também a reconhecer-se como descendentes de uma história coletiva marcada pela resistência.

Assim, o trabalho de Dona Expedita exemplifica como a educação escolar quilombola se estrutura a partir da vida comunitária, das memórias ancestrais e da resistência cultural. Sua atuação confirma o que diversos autores contemporâneos afirmam: que a pedagogia quilombola não se limita a adaptar conteúdos escolares à realidade do território, mas constitui-se como um modo de produzir conhecimento, no qual o afeto, a ancestralidade e a cultura são eixos fundamentais. As Abayomis, nesse contexto, não são apenas objetos: são arquivos vivos, tecidos de memória e história, capazes de transformar o ato de aprender em experiência de reconhecimento, continuidade e luta.

Outro ponto central da pesquisa é a dinâmica de gênero, poder e resistência dentro dos quilombos, especialmente como as mulheres, frequentemente subrepresentadas em cargos de liderança em contextos mais amplos, se tornam protagonistas nas suas comunidades. Ao serem líderes culturais, políticas e educadoras, essas mulheres desenvolvem práticas de autonomia feminina que desafiam as estruturas patriarcais, tanto no âmbito interno das comunidades

quilombolas quanto na sociedade em geral. A pesquisa busca analisar como a luta de mulheres como dona expedita, que resgata a tradição da boneca Abayomi no Quilombo de Lagoa dos Crioulos, e Meire, líder da Dança de São Gonçalo no Quilombo Sítio Veiga, reflete um processo de empoderamento através da preservação de saberes ancestrais, que ao mesmo tempo se configura como resistência política.

As mulheres quilombolas, ao reconfigurarem as práticas culturais, se tornam figuras centrais na construção de um modelo de educação popular que ressignifica as normas e os saberes acadêmicos. Em comunidades como Lagoa dos Crioulos, a arte de confeccionar a Abayomi não é apenas uma prática artesanal, mas um instrumento pedagógico de ensino e valorização da identidade negra e da história quilombola. Ao ensinar aos mais jovens como fazer essas bonecas, Dona Expedita cria uma continuidade das tradições afro-brasileiras e fortalece a autoestima e a percepção de pertencimento das crianças e adolescentes de sua comunidade.

Essa perspectiva de resistência está intimamente ligada ao conceito de afroquilombamento discutido por Ana Paula dos Santos, que propõe uma educação que dialogue com a história e a cultura quilombola, permitindo que as novas gerações se reconheçam como agentes de mudança e preservação da cultura negra e quilombola, e também com o de Givânia Silva (2017, 2019), uma das principais articuladoras da educação escolar quilombola no Brasil, afirma que as comunidades quilombolas precisam ser reconhecidas como sujeitos de direitos e detentores de um projeto educativo próprio.

Para a autora, o território não é apenas o espaço físico, mas também o lugar da construção simbólica da identidade e da memória coletiva. Percebo também que a ancestralidade atravessa essas questões, além do mais, a comunidade quilombola é a centralidade. Assim, a luta das mulheres quilombolas pelo território está diretamente ligada à preservação de sua cultura e à possibilidade de existência digna.

Para facilitar a compreensão desses conceitos dentro das comunidades quilombolas, escolhemos representá-los em forma de círculo. Dessa maneira, cada ponto é visto e sentido como essencial. Logo, para Nêgo Bispo, a circularidade não se limita a uma disposição gráfica ou geométrica, mas expressa uma forma de organização da vida, que rompe com a lógica hierárquica e linear própria do pensamento ocidental.

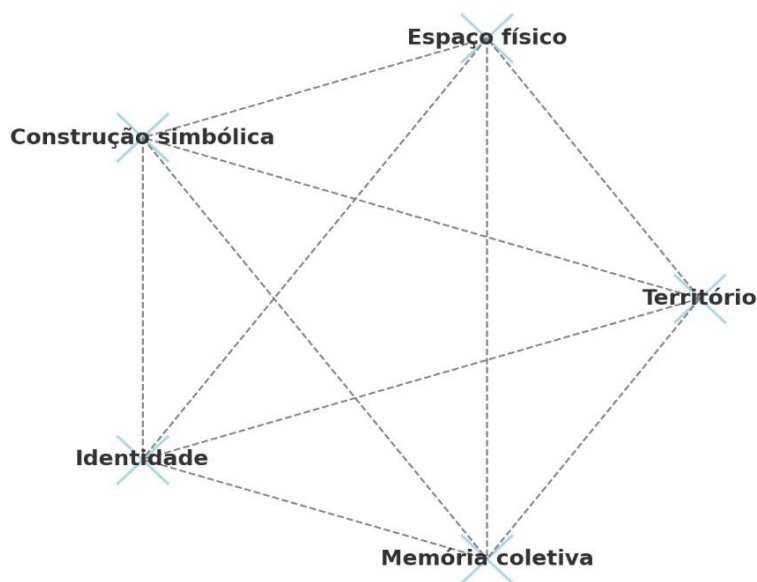


Figura 3: Fonte: autoria própria

A circularidade, em sua concepção traduz como um princípio de equilíbrio, interdependência e continuidade, no qual todos os elementos possuem igual relevância e se conectam mutuamente. Trata-se de um modo de existência que preserva a memória coletiva, fortalece os vínculos comunitários e assegura a reprodução das práticas culturais de forma integrada e solidária.

No Quilombo Sítio Veiga, Serra de Quixadá, Rosimeire Maciel da Silva, mulher negra quilombola, dançadeira de São Gonçalo e contramestra, agricultora, liderança nascida e criada no Quilombo, filha do Mestre Joaquim⁶ que puxa a dança atualmente, e tataraneta de Maria Fernandes, conhecida como Mãe Véia, e Chiquinho Ribeiro Conhecido como pai Xigano, é uma das principais líderes da Dança de São Gonçalo, uma manifestação cultural que mistura fé e tradição. A Dança de São Gonçalo é, para o Quilombo Sítio Veiga, um patrimônio imaterial que simboliza a continuidade de sua identidade cultural, ancestral e religiosa, ela une a comunidade em torno de valores e memórias comuns, fortalecendo a resistência e o compromisso com suas tradições. A dança é uma celebração de fé e cultura que reafirma a dignidade e a riqueza das práticas afro-brasileiras, garantindo que as próximas gerações continuem a valorizar e honrar sua história e

⁶ Nascido em Quixadá, em 1939, Joaquim Ferreira da Silva, conhecido também como Mestre Joaquim, organiza junto com as mulheres da Comunidade do Sítio da Veiga, a Dança de São Gonçalo. Mestre Joaquim acompanha o grupo com um tamborzinho que recebeu de presente de seu pai, sr. Roseno. Hoje repassa seus conhecimentos a todos da comunidade, sendo a Dança de São Gonçalo uma manifestação conhecida na região sertão central do Ceará.

espiritualidade. A dança, portanto, é uma forma de expressar devoção e agradecimento ao santo, ao mesmo tempo que mescla elementos do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras.

“A Dança de São Gonçalo é nossa maneira de agradecer e de fortalecer nossa comunidade. Cada passo é algo que nos une à nossa história e aos nossos ancestrais.”

Para Meire, participar da dança de São Gonçalo é uma forma de reafirmar sua identidade e de conectar a comunidade com suas raízes. Ela organiza e participa desse movimento cultural para garantir que a tradição seja mantida e passada para as próximas gerações.



Figura 4: Foto: Repost/internet

“Nossa dança nos lembra de quem somos e de nossa conexão com o sagrado. É um momento em que todos se unem, em que celebramos nossa fé e nossa história.”

A dança é uma prática de resistência e de reafirmação da identidade quilombola, que fortalece os laços comunitários e oferece um espaço de celebração e espiritualidade.

Essas líderes quilombolas, embora localizadas em diferentes geografias do Ceará e atuando em contextos culturais e territoriais distintos, compartilham uma profunda interseção em suas trajetórias, lutas e formas de resistência. Dona Expedita e Meire representam o protagonismo feminino nos quilombos, expressando, cada uma a seu modo, o compromisso com a preservação da cultura, a defesa do território e a promoção dos direitos sociais, suas experiências revelam a face complexa das insurgências de mulheres negras e quilombolas em um cenário de contínuas ameaças

ao modo de vida e à identidade quilombola, o que une essas mulheres é a vivência compartilhada de uma luta histórica, a luta pelo reconhecimento e respeito ao território ancestral, fundamental para a manutenção da identidade cultural de seus povos, em cada comunidade, seja na região metropolitana, no sertão, na serra ou no litoral, essas lideranças enfrentam uma série de obstáculos que vão desde ameaças de violações de direitos sociais e ambientais, até o apagamento cultural. No entanto, ao resistirem, elas não apenas defendem o direito de suas comunidades existirem no espaço, mas também reafirmam a importância de uma história e de uma cultura que transcende fronteiras e gerações.

Essas trajetórias também se cruzam na maneira como essas mulheres enfrentam desafios comuns com a força coletiva e o apoio mútuo, ao formarem redes de solidariedade, apoio e afeto, essas líderes fortalecem umas às outras, criando vínculos que possibilitam a troca de experiências e estratégias de resistência, mesmo em territórios distintos, elas se veem refletidas nas lutas umas das outras, compreendendo que a força de cada uma é também a força de todas. Além disso, essas mulheres promovem um ativismo que vai além das pautas políticas e territoriais: elas defendem a memória coletiva e a herança cultural, transmitindo às novas gerações o orgulho e a importância da identidade quilombola, através de suas práticas, como a Dança de São Gonçalo, a confecção da boneca Abayomi e a organização comunitária, elas fazem da cultura um escudo contra o apagamento e uma bandeira de luta por respeito e reconhecimento. Pode-se perceber que a atuação dessas mulheres reflete a complexidade das resistências quilombolas contemporâneas, que precisam lidar com a tensão entre a valorização de suas identidades e as pressões externas por “desenvolvimento”, essas lideranças denunciam, na prática, a forma seletiva como o desenvolvimento econômico ignora as demandas socioambientais dos quilombos, reforçando o ciclo de exploração histórica ao qual essas comunidades foram e continuam a ser submetidas, no entanto, as ações delas apontam para uma forma de resistência que, longe de ser passiva, busca criar alternativas de sobrevivência e empoderamento a partir das próprias raízes culturais.

Dona Expedita e Meire encarnam a luta, a força e a sabedoria das mulheres de quilombo, que, ao mesmo tempo que resistem às ameaças externas, cultivam espaços de construção de identidade e de resgate ancestral, essas lideranças representam uma resistência que se fortalece com o apoio mútuo e se expande para além dos limites físicos de seus territórios, mostrando que a verdadeira resistência quilombola se dá não só pelo espaço físico, mas pela memória e pelo afeto que sustenta o espírito de luta, ao traçarem caminhos paralelos, essas mulheres exemplificam que, na luta

quilombola, o presente e o futuro são também lugares de resistência, onde o afro afeto, a solidariedade e a cultura são as verdadeiras forças transformadoras.

2. TERRITÓRIO, IDENTIDADE E A DINÂMICA DE GÊNERO

As questões de gênero desempenham um papel central na análise das dinâmicas sociais e políticas das comunidades quilombolas, especialmente no que diz respeito à participação das mulheres nas esferas de poder e liderança. Embora, tradicionalmente, os homens tenham sido reconhecidos como figuras centrais nas narrativas sobre os quilombos, a realidade social contemporânea revela que as mulheres têm se destacado como protagonistas em diversas frentes, particularmente na defesa do território e na organização comunitária. Este fenômeno é particularmente evidente nas comunidades quilombolas do Ceará, onde as mulheres têm demonstrado um significativo processo de empoderamento, ampliando suas esferas de atuação para além das funções sociais e culturais tradicionais, e impactando diretamente as decisões políticas e as estratégias de resistência dentro de suas comunidades.

A pesquisa sobre as mulheres de quilombo no Ceará, revela um panorama de transformação nas estruturas de poder locais, com um aumento notável da participação feminina em aspectos-chave da vida comunitária, como a liderança cultural, a organização social e a resistência política. Um exemplo claro dessa liderança é o Quilombo Sítio Veiga, onde Meire assume a posição de liderança e protagonismo. Nesse quilombo, a dança de São Gonçalo, considerada patrimônio imaterial da comunidade, se configura como uma prática simbólica multifacetada que carrega consigo significados de fé, cultura e resistência. A dança, enquanto prática coletiva, reflete não apenas a religiosidade e os valores espirituais da comunidade, mas também se constitui como uma forma de resistência política e cultural diante dos processos de homogeneização impostos por uma sociedade majoritariamente branca, patriarcal. Através dessas manifestações culturais, as mulheres de quilombo afirmam não só suas identidades individuais, mas reforçam a luta pela preservação de suas raízes culturais e suas tradições.



Figura 5: Foto: Repost/internet

Historicamente, as mulheres quilombolas foram sistematicamente marginalizadas nas narrativas oficiais sobre os quilombos e, por consequência, no campo acadêmico. Contudo, nos últimos anos, elas têm emergido como lideranças imprescindíveis na preservação e promoção das culturas afro-brasileiras, na resistência às múltiplas formas de opressão e na transformação das realidades sociais, econômicas e políticas de suas comunidades. No contexto específico do Ceará, as mulheres quilombolas se destacam como guardiãs de saberes ancestrais, liderando processos de fortalecimento comunitário e promovendo uma autonomia que é crucial para a preservação de seus territórios. Além disso, sua atuação transcende a mera preservação cultural, pois essas mulheres têm se tornado também figuras de resistência e transformação social, contribuindo decisivamente para a construção de um futuro mais igualitário e sustentável para suas comunidades.

A justificativa para a realização desta pesquisa está ancorada na necessidade urgente de compreender e valorizar o papel das mulheres quilombolas, que desempenham funções essenciais na luta por direitos territoriais, culturais e sociais. Apesar de sua importância, as contribuições dessas mulheres frequentemente permanecem invisíveis tanto na pesquisa acadêmica quanto nas políticas públicas direcionadas às comunidades quilombolas. Ao trazer à tona suas trajetórias de resistência e transformação, este estudo visa corrigir essa lacuna e destacar o protagonismo das mulheres quilombolas, reconhecendo-as como agentes de mudança dentro e fora de seus territórios. No Ceará, as mulheres quilombolas são figuras centrais na luta pela defesa de seus territórios e

culturas. Elas não se limitam a ocupar somente papéis tradicionais de cuidadoras e educadoras, mas emergem como líderes em questões de meio ambiente, autonomia territorial e sustentabilidade.

A atuação das mulheres quilombolas no Ceará vai além da luta pela terra, sendo também orientada pela busca por inserção nas políticas públicas e na construção de um futuro mais justo. Por meio de assembleias comunitárias e outras formas de organização, Meire e outras lideranças femininas se posicionam como articuladoras políticas, buscando integrar suas demandas às políticas públicas em níveis estadual e nacional. Nesse processo, elas enfrentam obstáculos como a discriminação racial e de gênero, a escassez de políticas públicas específicas para comunidades quilombolas e o enfraquecimento das formas tradicionais de organização comunitária diante da pressão de projetos externos. O papel dessas mulheres, portanto, se estende além da defesa territorial, envolvendo também uma luta constante pela afirmação da autonomia cultural e pela valorização de modos de vida próprios, respeitando e preservando a memória coletiva de seus ancestrais. Além disso, a luta pela preservação da identidade cultural quilombola está intimamente ligada à promoção de uma educação quilombola que valorize as tradições e os saberes ancestrais das comunidades. Mulheres como Expedita, no Quilombo de Lagoa dos Crioulos, desempenham um papel fundamental nesse processo de valorização cultural e de transmissão de conhecimentos. Expedita, por exemplo, utiliza a arte de confeccionar as bonecas Abayomi não apenas como uma forma de resgatar e preservar uma tradição ancestral, mas também como um instrumento pedagógico que contribui para o fortalecimento da autoestima e do pertencimento das novas gerações. A prática de confeccionar as bonecas Abayomi, profundamente enraizada na história e nas tradições afro-brasileiras, torna-se um símbolo de resistência cultural e um meio eficaz de construir a identidade quilombola.

Esse movimento de ressignificação da educação formal, adotados de forma consciente ou inconsciente por mulheres como Dona Expedita, representa uma ação decolonial que desafia as estruturas pedagógicas tradicionais, frequentemente excludentes e alienantes para as populações negras e quilombolas. A confecção das bonecas Abayomi, portanto, vai além do simples resgate de uma técnica artesanal, transformando-se em um poderoso símbolo de resistência e de construção de identidade. Ao integrar essas práticas culturais no processo educativo, as mulheres quilombolas ajudam a reverter o histórico de apagamento das culturas negras nas escolas e a promover um modelo de educação mais inclusivo e representativo.

Além do resgate de saberes ancestrais, as mulheres quilombolas do Ceará têm se mobilizado

também para garantir o acesso à educação escolar quilombola, alinhada às diretrizes curriculares nacionais que reconhecem as especificidades das comunidades quilombolas e promovem a integração de saberes tradicionais no currículo escolar. Como educadoras e líderes culturais, essas mulheres desempenham um papel crucial na criação de um espaço pedagógico que valorize a história, as tradições e as lutas dos quilombos, fortalecendo o movimento de resistência e promovendo uma educação que contribua para a preservação da identidade cultural e para a construção de um futuro mais igualitário e justo para as gerações vindouras.

Em suma, as mulheres quilombolas do Ceará são protagonistas em um processo contínuo de resistência e transformação. Elas não apenas garantem a preservação de seus territórios e culturas, mas também atuam ativamente na construção de um futuro em que suas comunidades possam viver de forma autônoma, sustentável e plena, em consonância com suas tradições e com seus direitos. A visibilidade e o reconhecimento do papel dessas mulheres são fundamentais para a construção de políticas públicas mais inclusivas e para o fortalecimento da luta quilombola em todo o país.

3. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA

A educação escolar quilombola desponta como uma das principais ferramentas de resistência e fortalecimento da identidade nas comunidades quilombolas, especialmente quando se trata de impulsionar lideranças. No contexto cearense, onde os quilombos ainda enfrentam dificuldades na obtenção de direitos fundamentais e no reconhecimento de sua cultura, a presença de uma educação contextualizada para os valores afro-brasileiros e quilombolas é essencial para preparar e empoderar novas gerações dessas comunidades. Essa educação, que considera a história e a vivência particular de cada quilombo, permite que as mulheres quilombolas se apropriem de suas próprias narrativas e identidades, resistindo a um sistema historicamente opressor e fortalecendo as bases para uma liderança inclusiva e consciente.

Essa compreensão dialoga com Givânia Maria da Silva (2017), que afirma que a educação no território quilombola deve partir das experiências comunitárias, de suas lutas e de sua memória coletiva, pois somente assim ela se torna de fato emancipadora. Para a autora, a escola quilombola é um espaço onde a história, a espiritualidade, a oralidade e o território atuam como eixos estruturantes, garantindo que o processo educativo esteja enraizado nas realidades e necessidades da comunidade. Tal perspectiva reforça como essa educação contribui diretamente para a

construção de lideranças que se reconhecem como herdeiras e continuadoras de uma trajetória de resistência.

Historicamente, as comunidades quilombolas foram conduzidas, em sua maioria, por lideranças femininas. Essas mulheres assumiram desde cedo o papel de guardiãs das tradições e da resistência cultural, estabelecendo as bases para a organização comunitária e a luta pelo território. A educação escolar quilombola, ao enfatizar o respeito às raízes culturais e a importância da memória histórica, atua diretamente na formação de líderes que compreendem a profundidade e o valor de sua herança. É através dessa educação que nossos jovens quilombolas começam a entender a relevância de suas culturas e a se enxergar como protagonistas na continuidade e na defesa de suas tradições.

Ao abordar a interseccionalidade e os desafios históricos enfrentados pelas mulheres de quilombo, essa forma educacional promove um espaço de conscientização. Inspirando-se em teóricas como bell hooks e Lélia Gonzalez, as escolas quilombolas abordam a complexidade da opressão racial, de gênero e de classe, permitindo que alunas e alunos compreendam as barreiras estruturais que circundam suas vidas e suas comunidades. Assim, o espaço escolar se transforma em um local de fortalecimento pessoal e coletivo, onde a identidade quilombola é não apenas preservada, mas também celebrada e impulsionada para enfrentar as realidades vivenciadas.

Além disso, Ana Paula dos Santos (2020; 2023) contribui ao demonstrar que a educação escolar quilombola, quando pensada a partir do afroquilombamento, fortalece a consciência política e territorial das lideranças femininas. Segundo Santos, o currículo quilombola precisa afirmar a memória, a coletividade e a centralidade das mulheres nas lutas pela terra e pela preservação cultural, pois são elas as principais articuladoras do cuidado, da educação e da resistência cotidiana.

Para muitas líderes cearenses, a educação escolar quilombola foi fundamental para sua formação e visão de mundo. Dona Expedita e Meire, assim como outras líderes, entendem que a luta pelo território é mais do que uma demanda por terra: é uma reivindicação pelo direito de existir e de preservar o legado dos seus antepassados. Em suas palavras, Meire traz: “Nossa luta vai além do espaço físico, é também pela nossa memória e pelas próximas gerações que queremos formar.”

Essa pesquisa é de grande relevância tanto para o campo acadêmico quanto para as políticas públicas, pois ao abordar as mulheres de quilombo como figuras centrais, oferece uma contribuição significativa para a literatura sobre gênero, raça e território. Além disso, ao focar nas práticas

educativas, culturais e políticas dessas mulheres, a pesquisa se alinha com os debates atuais sobre a educação escolar quilombola, as diretrizes curriculares para a educação básica e a reconstrução da história afro-brasileira. A pesquisa também contribui para o fortalecimento das políticas públicas de reconhecimento e valorização da cultura quilombola e da autonomia territorial.

O estudo das mulheres de quilombo, como líderes culturais, educadoras e defensoras do território, oferece um novo olhar sobre as formas de resistência que vão além da simples preservação de costumes, mas que representam formas de ação política em um contexto de constante disputa por visibilidade e direitos. Essas lideranças femininas não só lutam pela preservação da cultura, mas também transformam a realidade social de suas comunidades, garantindo a continuidade das práticas ancestrais e a construção de um futuro coletivo que respeite as raízes de suas ancestralidades.

A educação escolar quilombola promove essa visão de pertencimento, ensinando a todos a reconhecerem suas raízes e a valorizarem o que as gerações anteriores construíram. A atuação de Dona Expedita, por exemplo, ao ensinar a confecção das bonecas Abayomi na comunidade Lagoa dos Crioulos, mostra como a educação tradicional e a escolar se entrelaçam, criando um ambiente de aprendizado que valoriza tanto o conhecimento formal quanto o saber ancestral. Traz consigo uma narrativa de resistência: através da prática e do ensino dessa arte, Dona Expedita não apenas fortalece a identidade das crianças e jovens do quilombo, mas também transmite a importância da memória e do respeito às suas origens.

A educação quilombola, nesse sentido, é mais do que apenas escolar: ela é cultural e identitária, moldando lideranças que sabem de onde vêm e por que resistem. Além disso, a educação escolar quilombola contribui para a criação de redes de apoio entre essas líderes. Mulheres como Meire, do Quilombo Sítio Veiga, que lidera a Dança de São Gonçalo e luta constantemente, encontram na educação uma ferramenta para perpetuar suas tradições e influenciar as novas gerações a resistir e a lutar pelo que é seu. A Dança de São Gonçalo, assim como as práticas culturais na Lagoa dos Crioulos, ganha espaço na educação escolar quilombola como manifestação que conecta os mais jovens à espiritualidade e ao compromisso com a comunidade, elementos essenciais para a formação de uma liderança forte e atuante.

A educação escolar quilombola, ao promover uma perspectiva de autonomia e valorização da cultura, capacita essas mulheres a atuarem em um cenário de luta pela igualdade de direitos. Ela prepara as futuras líderes a resistirem às pressões externas e a buscarem formas de proteger suas

terras e suas culturas, ao mesmo tempo que ensina os jovens quilombolas a valorizarem sua história e suas origens. É, portanto, um espaço fundamental para a continuidade das lutas e para o surgimento de novas lideranças capazes de enfrentar os desafios e transformar a realidade de suas comunidades.

A educação escolar quilombola é uma poderosa ferramenta de insurgência e resistência, uma aliada na formação de novas lideranças, que traz e inclui os saberes ancestrais em suas metodologias. Com o auxílio dessa ferramenta educacional, as mulheres de quilombo continuam a exercer um papel de protagonismo em suas comunidades, transmitindo às futuras gerações não só o conhecimento, mas também a força necessária para resistir e prosperar, em um processo de emancipação cultural e social que se estende para além do espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a proposta desta pesquisa não se limita a uma análise sobre a cultura quilombola, mas a um estudo sobre a resistência política e social das mulheres quilombolas, suas práticas de liderança e o impacto dessas ações nas comunidades, na educação e nas políticas públicas. Ao integrar as múltiplas dimensões de gênero, raça e território, este trabalho se posiciona como uma contribuição significativa para o campo dos estudos afro-brasileiros, para a construção de novos paradigmas de educação e para a valorização da luta quilombola. O estudo sobre as mulheres de quilombo do Ceará revelou um panorama de resistência ativa, onde as mulheres não apenas defendem seus direitos, mas também moldam a identidade cultural e a autonomia territorial das suas comunidades. Essas líderes femininas, ao resgatar e transmitir saberes ancestrais, ao lutar pelo reconhecimento de seus direitos territoriais e ao integrar práticas culturais como instrumentos pedagógicos e de resistência, desempenham um papel transformador na sociedade, sendo agentes de mudança no fortalecimento da cultura quilombola e na construção de um futuro coletivo. As contribuições dessas mulheres para a preservação da identidade e para a organização política das comunidades quilombolas são essenciais para a compreensão do processo social brasileiro, principalmente no que tange à luta por igualdade de direitos, reconhecimento e reparação histórica. Este estudo, portanto, não só amplia a compreensão sobre o papel das mulheres quilombolas, mas também contribui para a formulação de políticas públicas mais inclusivas, que reconheçam o valor

das lideranças femininas quilombolas como agentes de transformação social e cultural.

Trouxemos o protagonismo das mulheres quilombolas do Ceará como agentes fundamentais na resistência cultural, na luta por direitos territoriais e na preservação de saberes ancestrais. Por meio de uma análise interseccional, que articula gênero, raça e território, foi possível compreender como essas lideranças femininas enfrentam desafios complexos, desde a marginalização política até a violência estrutural, mantendo, contudo, estratégias de insurgência que se manifestam em práticas cotidianas de organização comunitária, educação e cultura.

A investigação demonstrou que as mulheres quilombolas, como Dona Expedita e Meire, transcendem os papéis históricos a elas atribuídos, assumindo posições de liderança política e cultural. Suas ações, seja na fabricação das bonecas Abayomi, na manutenção da Dança de São Gonçalo ou nas articulações de redes, configuram-se como atos de resistência epistemológica, desafiando narrativas hegemônicas que renegam as comunidades quilombolas à invisibilidade. A educação escolar quilombola, por sua vez, emergiu como um eixo central nesse processo, pois não apenas legitima os conhecimentos tradicionais, mas também forma novas gerações de lideranças conscientes de seu lugar histórico.

As implicações desta pesquisa são múltiplas. No âmbito acadêmico, o estudo contribui para os debates sobre feminismos negros, educação étnico-racial e territorialidade, oferecendo uma perspectiva decolonial que valoriza as vozes das próprias mulheres quilombolas. No plano sociopolítico, reforçamos a urgência de políticas públicas intersetoriais que garantam não apenas a titulação de terras, mas também o acesso à educação contextualizada, saúde e oportunidades econômicas sustentáveis.

Em resumo, a luta das mulheres quilombolas do Ceará não se resume à sobrevivência de suas comunidades; é, sobretudo, um movimento de reexistência, um termo cunhado por González (1988) para descrever a capacidade de recriar identidades e futuros em meio à opressão. Seus saberes e práticas específicas são um legado incontestável para a construção de uma sociedade plural, onde a diversidade cultural seja, de fato, reconhecida como fundamento da democracia brasileira. Para isso vemos necessário uma ampliação de pesquisas que acompanhem a implementação de projetos sociais nas comunidades estudadas, bem como o fortalecimento de alianças entre universidades, movimentos sociais e o Estado, a fim de transformar as proposições

teóricas aqui elaboradas em ações concretas de justiça social e histórica.

Por fim, evidenciamos a centralidade das mulheres quilombolas como protagonistas na luta por direitos, na preservação da identidade cultural e na promoção de práticas de resistência em seus territórios. As trajetórias de lideranças como Dona Expedita e Meire demonstram que as mulheres não apenas ocupam espaços de poder nas comunidades quilombolas do Ceará, mas também constroem caminhos próprios de insurgência política e pedagógica a partir dos saberes ancestrais, da espiritualidade e da cultura. Ao articular teoria crítica com pesquisa de campo e proposta de intervenção social, este estudo contribui para o fortalecimento da visibilidade acadêmica das lideranças femininas quilombolas e para a construção de políticas públicas mais sensíveis às suas especificidades. Através de práticas como a confecção das bonecas Abayomi, a Dança de São Gonçalo e as ações de educação escolar quilombola, essas mulheres constroem formas próprias de organização comunitária, produção de conhecimento e enfrentamento das desigualdades de gênero, raça e classe.

Compreender essas experiências à luz da interseccionalidade, conforme discutido por autoras como bell hooks, Ana Paula dos Santos e Lélia Gonzalez, permite reconhecer que a resistência quilombola feminina é atravessada por múltiplas camadas de opressão, mas também de potência. O território, nesse contexto, não é apenas espaço físico, mas lugar simbólico de memória, pertencimento e continuidade das lutas. Portanto, este trabalho reafirma a importância de se valorizar as vozes e saberes das mulheres quilombolas como eixo estruturante na defesa dos direitos territoriais, na construção de uma educação libertadora e no reconhecimento da diversidade cultural brasileira. Ao promover o empoderamento feminino quilombola e propor ações concretas de fortalecimento das comunidades, esta pesquisa contribuiu para a promoção de justiça social, equidade e reparação histórica. Em tempos de ameaças constantes aos povos tradicionais, é urgente ouvir, apoiar e aprender com aquelas que sustentam, com dignidade e coragem, os alicerces da ancestralidade e da resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA NETO, J.; CALDAS, J.** *As bonecas Abayomi como instrumento pedagógico antirracista: caminhos de resistência e reflexão crítica na educação brasileira.* 2025.
- DE PAULA, A.** *Pedagogia do afeto e acolhimento em coletivos quilombolas: práticas educativas e construção de pertencimento.* 2023.
- DUARTE, Joana das Flores; GROSSI, Patrícia Krieger; ALMEIDA, Eliane Moreira de.** *Luta pelo Território: As Experiências Sociais das Mulheres Quilombolas no Âmbito das Políticas Públicas.* Fortaleza: Editora ABC, 2020.
- EUGÊNIO DA SILVA, Ana Maria.** As Quilombolas do Sítio Veiga e a Dança de São Gonçalo em Quixadá – CE. *Revista de Estudos Culturais e Sociais*, v. 12, n. 3, p. 45-67, 2019.
- FERREIRA, Antônio Jeovane da Silva.** *Identidade Quilombola e Territorialidade na Comunidade de Alto Alegre/CE: Uma Reflexão Etnográfica Sobre os Processos de Reconhecimento Identitário e Territorial na Década de 2005-2015.* Fortaleza: Editora do Ceará, 2016.
- GONZALEZ, Lélia.** Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da (org.). *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos.* Brasília: ANPOCS, 1983.
- hooks, bell.** *Ain't I a Woman: Black Women and Feminism.* Boston: South End Press, 1981.
- LIMA, Ezequiel Nunes de.** *Jornalistas pretas e pretos: (re) construir lugares seguros para o fortalecimento de redes de apoio, redes de resistências e redes de afroafetos.* 54 f. Monografia (Graduação) – Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, 2020.
- MENEGHETTI, Magda Dimenstein; BELARMINO, Victor Hugo; MACEDO, João Paulo; DANTAS, Cândida; CARVALHO, Andressa Veras; ALVES FILHO, Antônio.** *Participação Política de Mulheres Quilombolas Rurais no Nordeste brasileiro.* Fortaleza: Editora Ceará, 2017.
- QUINTILIANO, Kátia.** *Narrativas e memórias afroafetivas: as bonecas Abayomi como instrumentos de resistência subjetiva e política.* 2023.
- SANTOS, Ana Paula dos.** Educação escolar quilombola na Lagoa dos Crioulos no Cariri cearense: uma perspectiva curricular de afroquilombamento. 2023.
- SANTOS, Ana Paula dos.** Educação escolar quilombola na Lagoa dos Crioulos no Cariri Cearense: uma perspectiva curricular de afroquilombamento. *Revista Brasileira de Educação e Cultura*, v. 9, n. 2, p. 123-136, 2020.
- SILVA, Givânia Maria da.** *Educação e Identidade Quilombola: Outras Abordagens Possíveis.* Fortaleza: Editora do Ceará, 2017.
- SILVA, Givânia Maria da.** *O Quilombo de Conceição das Crioulas: Uma Terra de Mulheres – Luta e Resistência Quilombola.* São Paulo: Editora Raízes, 2019.
- SILVA, Tatiana Ramalho da.** *Trajetória educacional de um quilombola: escrituras na comunidade de Alto Alegre, Horizonte – Ceará.* 2023.
- TAVARES, Geovani de Oliveira.** *Territorialidades e Identidades Quilombolas em Questão na Chapada do Araripe – Cariri, Ceará.* Fortaleza: Editora Nordeste, 2020.

ANEXO I

Roteiro de Entrevista Qualitativa

1. Como você descreveria a sua relação com a comunidade e com o território em que vivem? O que a terra representa para você e para sua comunidade?
2. Você é considerada uma liderança dentro do seu quilombo, pode nos contar um pouco da sua trajetória, seu processo formativo acadêmico ou não, e como você lida com esses desafios?
3. Você identifica ausência de políticas públicas na comunidade? Como e quem geralmente faz as reivindicações por essas políticas.
4. Pode compartilhar conosco quais desafios mais urgentes enfrentam no quilombo?
5. Você percebe um apagamento e uma invisibilização da cultura quilombola?
6. Em que momento você percebeu a importância de se preservar a cultura e a identidade quilombola? Como isso influenciou o caminho que você escolheu trilhar?
7. Seu trabalho envolve preservar práticas culturais e transmitir conhecimento, como você enxerga o impacto dessas atividades dentro da comunidade?
8. A arte/artesanato (ou dança, dependendo da entrevistada) é uma das formas pelas quais você expressa a sua herança cultural. O que significa para você continuar com essa prática e transmiti-la a outras pessoas?
9. A educação escolar quilombola é vista como uma ferramenta de resistência. Como você vê a importância de uma educação que valorize e respeite as raízes afro-brasileiras?
10. Quem são suas referências de luta e inspiração? Como elas impactaram a forma como você se vê e se posiciona hoje?
11. Ao pensar no futuro, quais são suas esperanças para a sua comunidade e para os jovens que vão carregar essa responsabilidade de manter uma cultura viva?
12. Que mensagem você gostaria de deixar para as próximas gerações de mulheres quilombolas que desejam assim como você ter uma voz ativa dentro da comunidade?

ANEXOS II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E SOM

Pelo presente instrumento, eu, _____, portadora do CPF nº _____, AUTORIZO, de forma livre, expressa e irrevogável, a **Maria Raila de Souza**, responsável pelo desenvolvimento de pesquisa acadêmica para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura em Sociologia vinculado a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), a captar, utilizar e divulgar minha imagem e/ou som de voz, exclusivamente para os fins descritos neste documento.

Finalidade do Uso

1. A captação e utilização do material ocorrerão com o objetivo de compor o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da responsável, sendo também autorizada a publicação em:
 - Periódicos acadêmicos e científicos;
 - Mídias sociais ou outras plataformas digitais e físicas, sempre no contexto da divulgação dos resultados da pesquisa.
2. O uso do material será limitado ao propósito de divulgação científica e acadêmica, sem fins comerciais.

Direitos do Autorizado

1. A responsável poderá utilizar minha imagem e som de voz, de forma total ou parcial, em vídeos, áudios, transcrições ou fotografias.
2. Autorizo a divulgação do meu nome e CPF exclusivamente nos materiais relacionados à pesquisa e publicação científica, quando necessário.

Período de Validade

1. A presente autorização é concedida por tempo indeterminado, podendo ser revogada a qualquer momento por meio de solicitação formal encaminhada para o e-mail rayllasouza0@gmail.com.
2. A revogação não implicará na retirada ou alteração de materiais já publicados antes da comunicação formal.

Garantias

1. Comprometo-me a ceder os direitos de uso de minha imagem e som de voz, sem qualquer remuneração, para os fins descritos neste termo.
2. Fica vedada qualquer utilização que desrespeite minha honra, dignidade, privacidade ou que estejam fora do contexto acadêmico e científico descrito.

Redenção - CE, ____ de Dezembro de 2025.

Assinaturas:

Entrevistada:

Nome Completo: _____

CPF: _____

Assinatura: _____

Responsável pela Pesquisa:

Maria Raila de Souza

E-mail: railasouza.240@gmail.com

Assinatura: _____